

## **Fotografia: a singularidade no olhar fotográfico do imagético social de Márcio Vasconcelos**

Walter Rodrigues Marques  
José Murilo Moraes dos Santos  
Luís Félix de Barros Vieira Rocha  
João Fortunato Soares de Quadros Júnior

### **RESUMO**

O presente artigo é uma versão condensada de monografia apresentada em 2011 na Universidade Federal do Maranhão, no curso de Educação Artística, com foco na atuação do fotógrafo Márcio Vasconcelos que tem um olhar para a temática social, cultura popular, religião afro-maranhense. Márcio Vasconcelos se intitula “autodidata e independente”, pois não está a serviço de outrem, portanto, voltado para produção independente, “autoral”, onde elabora e executa seus projetos, submetendo-os aos editais da cultura, dentre os quais, Petrobrás Cultural e Minc. Recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, como o 1º Prêmio Nacional de Expressões Culturais Afro-Brasileiras/2010 da Fundação Cultural Palmares/Petrobrás com o projeto “Zeladores de Voduns do Benin ao Maranhão”; “Nagon Abioton – Um Estudo Fotográfico e Histórico sobre a Casa de Nagô”, Lei Rouanet e no Programa Petrobrás Cultural/2009, editado em livro sobre um dos terreiros mais antigos do Tambor de Mina no Maranhão; Ensaio fotográfico “Na trilha do Cangaço – um ensaio pelo sertão que Lampião pisou”, projeto contemplado em 2010 com o XI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, disponível em <http://www.natrilhadocangaco.com.br/ensaio.php>, (atualmente, se encontra editado em livro). A pesquisa pretende contribuir para a produção científica no espaço acadêmico da fotografia no Maranhão, sem pretensão de esgotar o tema, mas fomentar e instigar novas pesquisas, tendo em vista a abordagem escolhida. É sustentada teoricamente por: Freund (1995), Kubrusly (2006) e outros. Apresentar-se-á as ideias gerais do escopo geral da monografia como o surgimento da fotografia e o curto tempo em que esta chegou ao Maranhão. Invenção anunciada publicamente pela Academia de Ciências de Paris em 1839, a fotografia chegara ao Maranhão em 1846, segundo o *Album do Maranhão em 1908*, Gaudêncio Cunha (1987). A arte maranhense é rica em diversidade, está intrinsecamente ligada à cultura popular – o branco, o negro, o índio, todos estão presentes na arte produzida no Maranhão, seja nas artes visuais, teatro, música, dança; nas manifestações culturais: Bumba-meu-boi, ritos, mitos, reggae, Terecô, Divino Espírito Santo.

**Palavras-chave:** Fotografia, História da fotografia maranhense, Leis de incentivo à cultura, prática cultural.

## 1 Introdução

“O conhecimento das imagens, de sua origem, suas leis é uma das chaves de nosso tempo. [...] É o meio também de julgar o passado com olhos novos e pedir-lhe esclarecimentos condizentes com nossas preocupações presentes, refazendo uma vez mais a história à nossa medida, como é o direito de cada geração”.  
(Pierre Francastel, *A Realidade Figurativa*)

O tempo em que foi escrita e apresentada a monografia (2011) o Orkut estava em voga, mas rapidamente foi substituído pelo Facebook, os quais como redes sociais são o local onde a produção fotográfica geral é exposta.

Das formas de expressão visual da realidade social, a fotografia é aquela que ainda procura o seu lugar na sociabilidade contemporânea. Talvez porque tenha sido, por muito tempo, a mais popular de todas, ao alcance de um leque amplo de usuários e instrumentalizada por uma variedade significativa de imaginários. A que se deve agregar, em consequência, a diversidade de suas funções: das puramente técnicas às puramente artísticas, passando pelas relativas ao lazer e à memória do homem comum (MARTINS, 2009, p. 33).

Inicia-se o presente trabalho com os aspectos históricos da fotografia, inerentes à sua condição e estatuto de ser ou não arte, até que ponto o é ou a partir de onde deixa de ser. Em seguida apresenta-se um panorama da História da fotografia no Maranhão, ressaltando, inclusive, a velocidade com que esta chegou a este lado do Atlântico – 1846, já havia atividade fotográfica em terras maranhenses – e sua invenção foi anunciada publicamente pela Academia de Ciências de Paris em 1839.

As bases bibliográficas não são muito diversas, mas foi tomado por referência o *Album do Maranhão em 1908*, de Gaudêncio Cunha, edição de 1987 e 2ª edição (2008 – Academia Maranhense de Letras). O original não foi impresso, portanto, artesanal, é de exemplar único e pertence ao acervo do Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM).

Abordar-se-á também a questão do mercado de arte em São Luís, com ênfase para o item editais nacionais e estaduais. Como os fotógrafos estão se organizando em vista a esse mercado multifacetado e de mão dupla, onde talvez não haja a opção de trabalhar apenas de forma independente, mas com um pé dentro e outro fora da máquina estatal. Se enquadra neste perfil o fotógrafo, objeto deste estudo, Márcio Vasconcelos que realiza o trabalho que gosta de fazer, que é o “autoral”, onde cria e idealiza o projeto, no viés cultura popular, mas que termina por beber na fonte estatal, submetendo seus projetos a editais. Tem também o lado comercial, que é realizar trabalhos para agências de publicidade. No caso de Márcio Vasconcelos, este relata ter uma enorme variedade de fotografias com temáticas direcionadas, na modalidade *série* de fotografias de cultura popular, uma *série* de culinária, prédios históricos, praia e outros.

Por fim, a produção fotográfica de Márcio Vasconcelos, sobretudo, no concernente à cultura popular, a simbologia das imagens, o antes e o depois – antecedentes e consequentes das fotografias – como era antes, como será que ficou depois delas. São abordados três trabalhos do fotógrafo Márcio Vasconcelos, a saber: Projeto Nagon Abioton – um estudo fotográfico e histórico sobre a Casa de Nagô (livro); Projeto Zeladores de voduns – do Benin ao Maranhão (exposição fotográfica); Na trilha do cangaço – um ensaio pelo sertão que Lampião pisou (site).

## 2 Fotografia

Primeira imagem do encontro entre o homem e a máquina, a fotografia rompe com o sistema de representação de imagens do século XIX e instaura uma nova forma de visualidade: “(...) pela primeira vez, no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes” (MELLO, 1998. p. 14).

O que é fotografia? Cabe aqui esta pergunta, muito embora não se possa encontrar uma resposta tão facilmente, ou uma única resposta. Segundo Kubrusly (2006) tal resposta a esta pergunta é um tanto intrigante, prefere responder através de uma resposta dada por um menino ao seguinte questionamento:

O que é fotografia? *Fotografia? ...É quando a televisão para de mexer, fica tudo paradinho e a gente pode olhar as coisas devagar. É o maior barato!* A resposta é intrigante: substituir o fluir da própria vida, o passar incessante do tempo, o correr de um filme ou de uma fita de vídeo. Fotografar passa a ser o ato de parar o fluir de uma imagem já existente, não o processo de obtenção e reprodução dessa imagem (KUBRUSLY, 2006, p. 8-9).

Muitas serão as tentativas de resposta, mas nenhuma é considerada satisfatória, haja vista, o leque de possibilidades a que leva cada um dos questionamentos, de respostas que mais perguntam que respondem.

A possibilidade de parar o tempo, retendo para sempre uma imagem que jamais se repetirá? Um processo capaz de gravar e reproduzir com perfeição imagem de tudo que nos cerca? Um documento histórico, prova irrefutável de uma verdade qualquer? Ou a possibilidade mágica de preservar a fisionomia, o jeito e até mesmo um pouquinho da alma de alguém de quem gostamos? Ou apenas uma ilusão? [...] Fotografia é tudo isso e mais um monte de coisas também (KUBRUSLY, 2006, p. 8-9).

A citação acima demonstra o quanto é realmente difícil chegar-se a uma resposta satisfatória, pois o que a câmera produz é mesmo uma coisa fascinante. Quanto mais se pergunta acerca desse objeto que permeia o século XIX, mais questionamentos se terá, pois, a efervescência do mundo em transformação pelo advento da indústria é tamanha que, para aquela sociedade, pode mesmo ser considerada como algo mágico, um milagre!

A História tem suas fases evolutivas e as expressões artísticas estão contidas nesse processo. *Cada momento da História vê nascer modos de expressão artística particulares, correspondendo ao caráter político, às maneiras de pensar e aos gostos da época.* Ressalta que o gosto não é uma manifestação inexplicável da natureza humana, este é formado em função de características próprias de cada sociedade e sua estrutura social no processo de evolução. No tempo de Luís XVI, época em que a burguesia se tornou (tornava, ascendia) próspera, ela deleitou-se em dar um caráter principesco aos seus retratos, pois o gosto era determinado pela classe que detinha o poder, à época – a nobreza (FREUND, 1995, p. 19).

Quando a burguesia ascende ao poder, muda-se a clientela e também o gosto sofre transformações. Não é mais o estilo principesco o tipo ideal, pois a burguesia fazia-se representar a tal estilo para se aproximar da representação estabelecida pela ordem vigente. Haja vista a mudança da classe detentora do poder, da nobreza para a burguesia, não mais se fazia necessário representar-se como o outro, pois não era mais preciso imitar os ideais nobres.

No seu lugar aparecia o rosto burguês. A sobrecasaca e a cartola substituem-se ao traje de rendas e à peruca, a bengala substitui a espada. [...] A civilização da Corte, dá lugar à cultura burguesa, o desenho de Ingres,

corresponde às tendências realistas da época e ao gosto de uma burguesia convencional. Assim, cada sociedade produz formas definidas de expressão artística que, em grande medida, nascem das suas exigências e das suas tradições, que por sua vez reflectem (FREUND, 1995, p. 19).

Freund (1995) afirma ainda que, *qualquer modificação na estrutura social influi tanto no tema quanto nas modalidades da expressão artística*. Durante o século XIX, era da máquina e do capitalismo moderno, modifica-se o carácter dos rostos nos retratos e também a técnica da obra de arte.

Os modos de expressão sofrem transformações até então desconhecidas. O processo de transformação de outrora, obedecia a certos critérios de velocidade, seguia um lento e gradual desgaste da ordem vigente, para então dá um salto. Com o progresso mecânico, impulsiona-se uma série de processos que iriam influenciar consideravelmente a

*evolução ulterior da arte*. Com a litografia, inventada em 1798 por Alois Senefelder, [...] deu-se um grande passo para a democratização da arte. A invenção da fotografia foi decisiva para essa evolução. Na vida contemporânea a fotografia desempenha um papel capital. Quase não existe uma actividade humana que não a empregue, [...] tornou-se indispensável para a ciência e para a indústria. Está na origem da *mass media* como o cinema, a televisão e as *videocassettes*. De ora em diante a fotografia faz parte da vida quotidiana. [...] o seu poder de reproduzir exactamente a realidade exterior – poder inerente à sua técnica – empresta-lhe um carácter documental e fá-la aparecer como o processo de reprodução mais fiel, o mais imparcial, da vida social (FREUND, 1995, p. 20).

Como a fotografia nasce na efervescência da Máquina, do Mundo Industrial e a indústria parecia ter vinda para sanar os problemas da humanidade, pois esta tornava tudo mais barato e acessível, aquela pode ser considerada uma forma de indústria da imagem. Torna-se democrática, pois antes era restrita a uma elite, estendendo-se a um número maior de pessoas, que também a partir de então poderão externar suas emoções, seus pensamentos e seus modos de ver uma imagem passível de análise e crítica.

Para Mello (1998, p. 13), *as relações tradicionais do homem com o mundo se alteram com as novidades introduzidas pela fotografia, elegendo-a um dos símbolos da modernidade*.

A fotografia tem como um dos principais traços característicos a igualdade como é recebida em todos os estratos sociais. Está na vida do industrial, do operário, do artesão, do comerciante, dentre muitos outros. Pode-se inferir que a fotografia é uma forma de expressão artística que veio para romper com o preceito de que a arte deve ser feita para e pela elite.

Obviamente, a fotografia não vai deixar de servir ao ideal burguês – elite – mas o acesso a ela é democrático. E são criadas máquinas fotográficas para todos os estratos sociais, características do processo de democratização do acesso aos bens de consumo.

[...] mais do que qualquer outro meio, a fotografia é capaz de exprimir os desejos e as necessidades das camadas sociais dominantes, e de interpretar à maneira delas os acontecimentos da vida social. Pois a fotografia, embora estritamente ligada à natureza, tem apenas uma objectividade factícia. A objectiva, esse olho pretensamente imparcial, permite todas as deformações possíveis da realidade, já que o carácter da imagem é determinado, a cada vez, pelo modo de ver do operador e pelas exigências dos seus mandantes. A importância da fotografia não reside portanto apenas no facto de ela ser uma criação, mas sobretudo no facto de ela ser um dos meios mais eficazes de conformar as nossas ideias e de influenciar o nosso comportamento (FREUND, 1995, p. 20).

A partir dessa abertura a todos, do aspecto democratizante da fotografia, em detrimento do restrito acesso à pintura, ao desenho, por exemplo, ela [a fotografia] passa a ser alvo de crítica de “pintores, que se sentiram ameaçados por uma concorrência desleal”, provocando uma discussão que ainda perdura no século XXI: “a fotografia é arte?” (KUBRUSLY, 2006, p. 12).

A fotografia adentra outros campos, ainda não explorados pela arte então em voga – o campo social – as condições sociais sub-humanas, as relações de trabalho e de existência. É certo que a representação ou atuação da arte de antes da fotografia só abordava os temas da nobreza e da burguesia, descartando as condições de existência de quem a essas classes sociais não pertencia.

### 3 Fotografia no Maranhão<sup>1</sup> e mercado de trabalho

A fotografia no Maranhão remonta à sua invenção, ou, ao comunicado oficial de sua invenção. A principal referência que atesta as informações acerca do início de atividade fotográfica no Maranhão, então *Província do Maranhão*, é o *Album do Maranhão em 1908*<sup>2</sup> de Gaudêncio Cunha.

Toda a história do Maranhão está aqui registrada, na reprodução das fotografias do artista Gaudêncio Cunha. São vários aspectos da vida Maranhense do início do século, captados com talento pela objetiva do renomado fotógrafo. Causa estranheza que um historiador com a importância regional e também brasileira de César Marques, tão sensível e atento ao registro dos fatos maranhenses, [...] não haja incluído, em seu *indispensável Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão* (São Luís, Tip. do Frias, 1870), um verbete relativo a fotógrafos ou fotografia no Maranhão. Essa omissão reduz consideravelmente a disponibilidade de informações confiáveis acerca do aparecimento dos primeiros fotógrafos em São Luís e de como se desenvolveu a profissão em terras maranhenses (CUNHA, 1987, p. 5;11).

Murilo Santos através do texto abaixo ressalta um possível início do interesse pelo social no Maranhão. Quando diz que até a década de 1970, o cinema [e a fotografia também] não cuidava da temática social – populações minoritárias muito menos o popular, mas retratando as ações do governo no sentido de exaltar quem estava no poder. Murilo relata sua convivência e aprendizado com Jean-Pierre Beaurenaut, cineasta francês, que pela época esteve no Maranhão filmando o longa metragem *MIGRAÇÃO: Le bonheur est là-bas en face*, filmado em película 16 milímetros, com duração de 50 minutos. O documentário foi realizado em Ariquipá, no município de Bequimão, região da baixada maranhense e na periferia de São Luís.

A década de 1970 marca a mais importante fase da cinematografia local. Até então poucas e esparsas realizações foram feitas e quase todas como forma de registros domésticos e institucionais, neste caso, exaltando obras do governo. Esses filmes não tinham propósitos artísticos ou culturais e muito menos eram voltados para as questões da população menos favorecida. Na história do nosso cinema a partir de década de 1970 – em que pese o fato de Jean-Pierre e sua equipe não serem realizadores locais – esses dois documentários são os primeiros a abordarem comunidades negras rurais, conhecidas atualmente como comunidades quilombolas. Jean-Pierre tem uma importância para nosso cinema não somente pelo documentário que realizou aqui, como também por ter, de certa forma, contribuído para a consolidação de uma tendência na produção local voltada para temas sociais, etnográficos e da cultura popular<sup>3</sup>.

O trabalho de Márcio Vasconcelos aqui abordado, estar diretamente relacionado aos apontamentos de Murilo Santos. Pois, como o próprio Márcio diz, “minha atuação profissional hoje, está voltada para

---

1 As obras de referência para este capítulo são o *Album do Maranhão em 1908* e duas dissertações de Mestrado decorrentes dele: *Pasado e modernidade no Maranhão pelas lentes de Gaudêncio Cunha*, de José Reinaldo Castro Martins, São Paulo, 2008 e, *Tramas do Olhar: a arte de inventar a cidade de São Luís do Maranhão pela lente do fotógrafo Gaudêncio Cunha* / José Oliveira da Silva Filho. – Fortaleza, 2009.

2 Apresente edição é de 1987, publicada pela Spala Editora Ltda. A obra é bilíngüe, inglês e português, traduzida para a língua estrangeira por Elizabeth Hart, texto de Iza Adonias, Fotografia de José Ribamar Alves. O original é livro único e faz parte do acervo do Museu Histórico e Artístico do Maranhão.

3 Texto de Murilo Santos



o trabalho autoral”, até porque, o mercado atual é uma via de mão dupla, ninguém consegue viver somente de uma forma e/ou atitude. No Maranhão, está estritamente relacionado com agências de publicidade e propaganda e governo. Não há como escapar a essa faca de dois gumes. A nível nacional tem acontecido os festivais e nesses festivais acontecem leilões de fotografias, segundo Márcio Vasconcelos:

tá existindo leilões de fotografia, especificamente de fotografia, inclusive no festival de Parati houve leilão lá de fotógrafos brasileiros consagrados, e emergentes, cada vez mais jovens brasileiros tem obras expostas nesses leilões, com um resgate muito bom em termo de valor.

Indagado com a seguinte pergunta: E no Maranhão, as secretarias de cultura, o público – consome ou não fotografia? Márcio Vasconcelos responde:

É a gente sente, eu tenho viajado, participando desse festivais nacionais, eu sinto que o Maranhão tá ficando pra traz, existe uma dificuldade muito grande de integração entre os fotógrafos do Maranhão, e é isso que dificulta, se os profissionais não se unirem pra que a fotografia cresça como um todo numa determinada região isso dificulta a sua projeção como um trabalho que fique bem executado, a gente sente principalmente no Norte e Nordeste que já existem festivais muito forte de fotografia, principalmente no Pará [Belém] no Ceará [Fortaleza], é, ... são cidades que estão chamando a atenção nacionalmente pra fotografia que é produzida no Brasil.

Quando Márcio fala do Pará e Ceará – que fique bem entendido – a fotografia produzida nestes Estados - está voltada para a estética atual, para o que está acontecendo agora no Brasil e no mundo. Diz que o Maranhão está ficando para traz em relação ao restante do país, “estamos muito atrasados no processo de consolidação de grupos e de produção local que possa ganhar uma visibilidade nacional, os fotógrafos estão trabalhando muito, de forma independente”.

Mas ressalta que nem tudo está perdido, que há aqui em nosso Maranhão, algumas incursões no sentido de união de fazedores de fotografia, que embora não sejam, todos profissionais da área fotográfica, amam a fotografia. É uma espécie de fotoclube<sup>4</sup>, na fala dele. Estão realizando encontros semanais e mensais, abrangendo todo o Maranhão. Acredita que muitos desses profissionais liberais dessa espécie de fotoclube, que hoje soma umas 40 ou 50 pessoas, irão se tornar profissionais da fotografia, abandonando as atividades de exercem atualmente. O grupo é o “Poesia do olhar”. Baseando-se na atitude desse grupo, Márcio faz a seguinte reflexão:

E de repente se a gente conseguir fazer um evento aqui por pequeno que seja, trazendo fotógrafos nacionalmente conhecidos pra fazer palestras, pra dar um workshop, isso ai pode de imediato despertar um interesse maior e as pessoas começarem a se agregar e trabalhar de uma forma mais conjunta pra o fortalecimento e consequentemente a projeção da fotografia maranhense por outros pontos do Brasil.

O panorama dos profissionais de fotografia no Maranhão. Muitos trabalham o social como casamentos, quinze anos, batizados, etc. muitos trabalham a questão das belezas naturais do Maranhão, tem um trabalho bastante elaborado e de reconhecida importância, caso de Cristian Agneto e Albany Ramos. Outros estão voltados para o trabalho autoral, como é o caso de Murilo Santos, um exemplo de resistência da fotografia maranhense, nas palavras de Márcio Vasconcelos.

[quando] eu comecei a pensar em fotografia, o Murilo já trabalhava com fotografia, ele começou com fotografia, depois foi ser cineasta e agora já tá namorando a fotografia de novo, eu conversei com ele a pouco

---

4 Poesia do Olhar é para eles um fotoclube. Disponível em:<[www.poesiadooohar.com.br](http://www.poesiadooohar.com.br)>.

tempo e ele tá voltando a ter um carinho especial pela fotografia, acho que fotografando muito, tem um trabalho muito importante até como é, a memória da fotografia no Maranhão passa pelas lentes de Murilo Santos.

Márcio fala dos fotógrafos que embora não sejam daqui, parecem amar mesmo essa terra, pois vieram, aqui se estabeleceram e fazem muita fotografia do lugar, é claro, muitos trabalham para órgãos governamentais, mas também buscam realizar projetos pessoais.

Não se exime de trabalhar para agências de publicidade e propaganda, pois tem grande acervo, mas se identifica mesmo é com seu trabalho autoral, diz: “Meu trabalho autoral, que eu me dedico muito forte a ele, principalmente ligado a religião afro-brasileira e na cultura popular, em consequência da influência negra muito grande no Maranhão”.

#### 4.1 Editais

A alimentação do mercado fotográfico e/ou do audiovisual hoje no Brasil, tem um grande impulso a partir de editais lançados por agências governamentais como Ministério da Cultura (Minc), secretarias de cultura, agências de apoio à cultura e a arte, como a Funarte, empresas públicas, caso da Petrobrás, bancos públicos em seu papel de responsabilidade social, como o BNDES, CAIXA, Banco do Brasil, Banco do Nordeste do Brasil. São destinados para atividades artísticas milhões de reais anualmente. O BNDES, no edital de 2010 por força da Lei do Audiovisual, só para o cinema destinou 14 milhões de reais.

Serão destinados R\$ 13,936 milhões - provenientes de incentivos fiscais previstos na Lei do Audiovisual — para produção e finalização de vinte longas metragens de produtoras brasileiras independentes, sendo 12 de ficção, 3 de animação e 5 documentários. O processo de seleção considerou os seguintes aspectos: roteiro; currículo da produtora, do diretor e dos demais profissionais envolvidos na produção do filme; adequação do orçamento; relatório de captação de recursos; e proposta de distribuição comercial.<sup>5</sup>

O BNDES se coloca como um dos maiores *protagonistas da política pública para o desenvolvimento do cinema brasileiro*. Além do Edital de cinema — que destinou R\$ 133 milhões para produção de 340 filmes entre 1995 e 2009 —, além disso, dispõe de linhas de crédito para quem se dispuser a financiar a produção e execução de filmes. Não especifica, portanto, generaliza para todo tipo de produção cinematográfica.

O Programa Banco do Nordeste de Cultura/Parceria BNDES investirá o montante de R\$ 8.000.000,00 (oito milhões de reais), contemplando um mínimo de 303 (trezentos e três) projetos, distribuídos nas áreas. [...] Na área de Artes Visuais, o Programa abrangerá projetos que contemplem o registro gráfico da produção solo ou coletiva, das obras de artistas visuais e artesãos, em todas as formas e gêneros das artes visuais; preservação, conceitualização, projetos que contemplem a publicação de registro da produção, solo ou coletiva, das obras de artistas visuais e artesãos ou da história da arte, em todas as formas e gêneros das artes visuais; realização de exposições coletivas, mostras, seminários, congressos e outros eventos direcionados a categorias de públicos infantil, adulto, da terceira idade, ou pessoas com deficiência, que possibilitem o acesso ao consumo das artes visuais ou que estimulem a formação e o desenvolvimento profissional de artistas das artes visuais (pintores, escultores, fotógrafos, etc<sup>6</sup>).

5 Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes\\_pt/Institucional/Sala\\_de\\_Imprensa/Noticias/2010/cultura/20100629\\_EditalCinema2010.html](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Sala_de_Imprensa/Noticias/2010/cultura/20100629_EditalCinema2010.html)>. Acesso em: 04 dez. 2011.

6 Disponível em: <[http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/eventos/programabnb\\_decultura/gerados/apresentacao.asp](http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/eventos/programabnb_decultura/gerados/apresentacao.asp)>.

O mercado de arte é um mercado promissor, o que falta é interesse pela busca desses recursos que são destinados. Ao que parece, o que falta não é investimento dos financiadores, mas interesse de quem deveria executar as ações voltadas para a arte. Em 2009, através do Projeto Maranhão na Tela, houve vários minicursos de cinema e fotografia e também, um curso/palestra sobre como submeter projetos ao Minc, Petrobrás, Funarte, etc. O que há também é a falta de preparo dos agentes culturais que submetem seus projetos, em entrevista com Márcio Vasconcelos, diz:

deve-se contratar uma assessoria jurídica e contábil [...] os editais são coisas muito boas que acontece no Brasil, pena que acaba premiando um número muito pequeno em relação à quantidade que é escrita, geralmente é menos de 4% da quantidade que é escrita.

Márcio enfatiza que esses editais são muito importantes para a produção artística, haja vista ter um preconceito secular em relação à arte. Sensibiliza-se e aplaude o fato da quantidade de projetos que são submetidos, ou seja, muita gente está fazendo, produzindo arte, sobretudo na submissão dos editais maiores como da Petrobrás, Banco do Brasil, Caixa Econômica, etc. diz que quando se tem um projeto seu aprovado num desses editais é motivo para dar pulos de alegria, pois a comissão que analisa é

muito especializada, só são aprovados projetos que eles consideram dentro da proposta e que a instituição almeja, eu inicialmente tive aprovação desse da Petrobrás pra produção do livro sobre a Casa de Nagô e eles dão um ano pra você elaborar esse trabalho e pode ser prorrogado por mais um ano.

O proponente tem esse prazo para executar o trabalho e depois tem de prestar contas. Para Márcio Vasconcelos, essa é a parte mais complicada, pois o que antes estava previsto no projeto de execução, item importante para que seja aprovado – a previsão dos gastos com elaboração e execução do projeto – deve ser devolvido cada centavo não utilizado, o correto é que não sobre nada, mas conta deve ser zerada – essa conta é específica para esse projeto. É aqui, sobretudo, que deve haver a contratação de uma assessoria contábil, o que fez no caso do livro sobre a Casa de Nagô, do edital Petrobrás Cultural 2009.

Tem também os editais de apoio à cultura do Estado do Maranhão, que são executados através da Secretaria de Cultura. Márcio Vasconcelos submeteu o Projeto Zeladores de Voduns ao edital da SECMA, e foi contemplado.

minha proposta era fazer a conexão da África com o Maranhão, [...] consegui a aprovação desse projeto no Governo do Estado inicialmente, ainda no governo de Jackson Lago, e com esse prêmio eu tive a oportunidade de ir até o Benin, até a África pra tentar trazer o maior número possível de retratos de sacerdotes envolvidos com o culto ao vodun, e depois voltando ao Maranhão, depois de 22 dias lá, concluir fazendo o paralelo, era exatamente comparando os sacerdotes do Benin com os sacerdotes do Maranhão relacionados com a religião africana e afro-maranhense.

A partir do questionamento de como é feita essa divulgação desses editais, Márcio diz que:

está sempre estou pesquisando, buscando mesmo, e através de colegas, ou através da internet, hoje isso é muito fácil, você fica por dentro de tudo que tá acontecendo, então a gente sempre fica sabendo dos prêmios que vão acontecer anualmente, eu procura sempre tá me informando tá participando de todos os prêmios de

---

Acesso em: 04 dez.2011



Fotografia: a singularidade no olhar fotográfico do imagético social de Márcio Vasconcelos

fotografia, principalmente quando os temas batem com o material que a gente já tem. Existe um tema e se a gente já tem um material e esse material se adéqua a esse tema a gente inscreve.

Como foi dito por Márcio Vasconcelos, a quantidade de projetos contemplados nesses editais é muito pequena e, verificando a relação desses contemplados, é perceptível a quantidade de profissionais do centro-sul. Obviamente, não é a quantidade de inscritos que é tão pequena – é a de aprovados. A partir disso, é possível inferir que seja o que anteriormente foi dito – falta buscar um apoio especializado, uma assessoria contábil e em alguns casos, jurídica.

## 5 Márcio Vasconcelos: a singularidade no olhar fotográfico do imagético social de Márcio Vasconcelos

### 5.1 O fotógrafo Márcio Vasconcelos

“Márcio Vasconcelos, fotógrafo profissional autodidata e independente há mais de 20 anos e há quase uma década vem se dedicando a registrar as manifestações da Cultura Popular e Religiosa dos afrodescendentes no Estado do Maranhão. Habitualmente, atende a agências de publicidade da capital maranhense e, paralelamente, desenvolve projetos autorais em comunidades negras junto à ACONERUQ, Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, no registro das tradições e modo de vida das populações de quilombos no Maranhão e também detém um vasto material das manifestações de cultos afro maranhenses. Autor do projeto **Nagon Abioton** – Um Estudo Fotográfico e Histórico sobre a Casa de Nagô, aprovado na Lei Rouanet e no Programa Petrobrás Cultural/2009, editado na forma de livro sobre um dos terreiros mais antigos do Tambor de Mina no Maranhão. Vencedor do 1º Prêmio Nacional de Expressões Culturais Afro-brasileiras/2010 (Fundação Cultural Palmares/Petrobrás) com o projeto **Zeladores de Voduns do Benin ao Maranhão**. Exposição Fotográfica que mostra as semelhanças entre Sacerdotes de culto a voduns na África e no Brasil. Selecionado para leitura de portfólios no Transatlantica/PhotoEspaña 2012 com o projeto Zeladores de Voduns do Benin ao Maranhão. Vencedor do XI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia com o projeto **Na Trilha do Cangaço** – Um Ensaio pelo Sertão que Lampião pisou.”<sup>7</sup>

Pergunta inevitável quando se quer conhecer alguém: Quem é você? Como você se define? Talvez seja a pergunta mais difícil de responder, mas certamente, para identificar esse sujeito, há que ser respondida – a contento? Talvez. A quem? Todos e nenhum, possivelmente à ciência e à arte.

Márcio Henrique Furtado Vasconcelos adotou o nome artístico de Márcio Vasconcelos, é filho de São Luís e radicado na mesma. cursou Engenharia Mecânica na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Educação Física na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), porém não terminou nenhum dos dois cursos.

Entrou para o quadro de funcionários do Banco do Brasil, em suas palavras, “quando ser bancário era considerado uma carreira de *status*”. Com o primeiro salário comprou a melhor câmera fotográfica profissional da época, uma Canon A1, com lentes, flashes e outros acessórios. Começou a fotografar por hobby em festas da própria família e de amigos.

---

<sup>7</sup> O texto se refere ao breve currículo do fotógrafo, os itens em negrito, enfatiza que serão os três pontos centrais de investigação.

Na década de 1990, o Governo Federal inicia o programa de demissão voluntária. Muitos são os funcionários públicos e de autarquias que aderem à campanha, era o empurrão que Márcio Vasconcelos estava esperando. Não pensou duas vezes, pegou a grana da indenização, comprou um terreno e construiu um belo estúdio no Centro Histórico de São Luís. A partir daí transforma-se em fotógrafo profissional com dedicação integral à Arte. Márcio Vasconcelos tem se dedicado a registrar as manifestações da Cultura Popular e Religiosa dos afrodescendentes no Estado do Maranhão há quase uma década.

Habitualmente, atende agências de publicidade da capital maranhense, produz documentação e acompanhamento fotográfico em obras de engenharia, arquitetura e urbanismo, decoração de interiores, aerofotografias e, paralelamente, desenvolve projetos autorais em comunidades negras no registro das tradições e modo de vida das populações de quilombos no Maranhão e também detém um vasto material das manifestações de cultos afros em vários terreiros de Mina. No Estado do Maranhão, possui trabalhos efetuados em colônias de pescadores no litoral, aldeias indígenas pelo interior e no mapeamento fotográfico do material produzido pelos artesãos.

Um profissional da magnitude de Márcio Vasconcelos, não poderia ter atingido tal grau de reconhecimento, haja vista a quantidade de trabalhos selecionados pelas agências mais importantes do país, se não tivesse um traço peculiar, algo de singular em seu trabalho que o faz diferente dos outros, não mais, nem menos importante, mas diferente. O que faz desse fotógrafo alguém tão especial? Os temas que aborda? A crença em seu trabalho? A persistência no trabalho que realiza e que traz frutifica como a árvore da vida? Ou é seu referencial estético?

Perguntado sobre esse referencial estético, Márcio responde que tem o Miguel Rio Branco e o Mário Cravo Neto como seus guias estéticos

Me serve de referência, dois fotógrafos que eu considero assim muito importante e que me influenciam bastante, o Miguel Rio Branco que pra mim é um fotógrafo que no Brasil é o maior destaque na parte estética e na parte artística, do que ele faz e o Mário Cravo Neto que infelizmente morreu a pouco tempo, nos deixou um trabalho muito bom, um trabalho de pesquisa na Bahia muito grande e que tem uma semelhança muito grande com o que eu busco aqui no Maranhão, são dois fotógrafos que me servem de referência, eu tenho sempre um livro desses caras na cabeceira, eu sempre estou folheando esses livros, então são estes posso dizer a [minha] principal influência tanto na estética quanto na pesquisa, esses fotógrafos.

Depois destaca Pièrre Verger que o influencia pela ligação que tem com a África e o Brasil, portanto, uma semelhança em seu trabalho, diz que sempre que vai a Bahia, visita a Fundação Pièrre Verger, onde é possível entrar em contato com a forma simples como ele viveu no Brasil, à franciscana, ver os negativos que ele deixou, todos em preto e branco, a biblioteca, diz que também muita gente na fundação bastante empenhada na conservação do acervo, “então eu posso dizer que esses três fotógrafos são de fundamental importância na minha pesquisa e na minha referência estética”.

O foco do trabalho, sobretudo, o autoral de Márcio Vasconcelos, está direcionado para a origem e formação do povo do Maranhão. Percebe-se pela atuação e incursão de suas produções – sempre buscando reescrever a História do Maranhão através da linguagem fotográfica e pelo viés religioso afro-maranhense.

O meu trabalho é muito voltado com a... da origem da formação do povo do Maranhão, a gente percebe uma influência muito grande africana, tanto no desenvolvimento das manifestações de cultura popular e religiosa, em qualquer manifestação, em qualquer dança, qualquer rito, os méritos foram de uma importância muito grande. Isso me atrai muito, eu valorizo muito essa herança deixada por essas nações que vieram pro Maranhão e trouxeram consigo toda essa bagagem artística, cultural e despejaram aqui no Maranhão e até hoje a gente ver que todas essas manifestações são muito fortes dessa bagagem.

Ver na baixada maranhense uma forte presença dessa origem nossa, relata que está lá [na baixada] é como está na África, há uma telepresença, um sentir-se lá mesmo.

Onde a gente, eu em determinado momento me sinto na África diante desses lugares, é só eu ali no meio daquele povo todo, aquela alegria, aquela riqueza cultural e parece um pedaço da África, pela simplicidade, pela riqueza e pela beleza e desenvolvimento das atividades.

Atualmente está trabalhando num projeto que visa buscar as origens do Terecô no Maranhão que derivou uma vertente para região de Codó, tendo Mestre Bita do Barão como centralizador dessas atividades e que serve de referência. Uma vez que muitas dessas informações são colhidas através de memória oral, deve-se ter muito cuidado no juízo de valor imputado a essas informações.

## 5.2 Projeto Nagon Abioton – um estudo fotográfico e histórico sobre A Casa de Nagô

A cultura africana, no Brasil, está presente em cada minuto do dia. Ela pode se fazer mais forte e visível em algumas regiões, menos palpável em outras, mas definitivamente é parte essencial e fundamental da formação da identidade dos brasileiros<sup>8</sup>.

A citação acima abre o livro Nagon Abioton – um estudo fotográfico e histórico sobre a Casa de Nagô, de Márcio Vasconcelos, contemplado no Programa Petrobrás Cultural 2009.

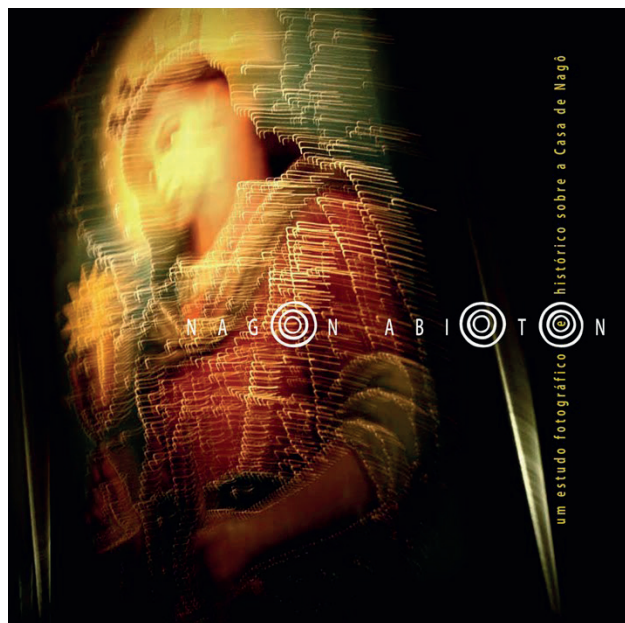


Figura 1: capa do livro Nagon Abioton

Fonte: Márcio Vasconcelos

A obra, sem modéstia, é de uma riqueza incalculável para a memória do nosso povo. Mesmo para os leigos, é possível perceber o quanto este estudo diz da Casa de Nagô e da Casa das Minas, as fotografias

---

<sup>8</sup> Vasconcelos, Márcio. **Nagon Abioton**: um estudo fotográfico e histórico sobre a Casa de Nagô / Márcio Vasconcelos (organizador); Mundicarmo Ferretti; Paulo Melo Sousa; fotografia de Márcio Vasconcelos. – São Luís, 2009, p. 3

que mostram partes dos rituais, do cotidiano dos integrantes das casas. Esta obra diz muito do Maranhão e sua cultura, sobretudo, no que concerne à religião afro-brasileira e suas origens na América.

A preservação das culturas de matrizes africanas no Brasil deve muito às casas de culto de diversas origens. O Tambor de Mina, denominação típica do Maranhão, foi profundamente influenciado por dois terreiros fundados em São Luís por africanas na primeira metade do século XIX: a Casa das Minas (Jeje) e a Casa de Nagô.<sup>9</sup>

Para Vasconcelos (2009), a importância da Casa de Nagô no Tambor de Mina que *é uma religião de matriz africana organizada no Maranhão na primeira metade do século XIX*, tem equivalência ao *candomblé de Salvador (BA), ao Xangô de Recife (PE), e a outras denominações religiosas afro-brasileiras tradicionais.*

Ainda de acordo com Vasconcelos, com base na tradição oral, a Casa de Nagô foi fundada por duas africanas: Zefa de Nagô e Maria Joana (ALMEIDA, 1982, p. 250; SANTOS, 2001, p. 26) juntamente com outros africanos e também recebeu ajuda para abrir a Casa, *da chefe da Casa das Minas, que segundo Mãe Dudu, teria sido aberta cinco ou seis anos antes dela*<sup>10</sup>

O livro faz paralelos entre a Casa das Minas e a Casa de Nagô. Embora o título dê a ideia de que seu conteúdo é sobre a Casa de Nagô, muito tem da Casa das Minas, conta sobre as origens das duas casas, as relações de seus integrantes, o apoio moral entre eles, a própria questão da identidade de culto, o apoio governamental, etc.

### 5.3 Projeto zeladores de voduns do benin ao Maranhão. Exposição fotográfica Zeladores de Voduns

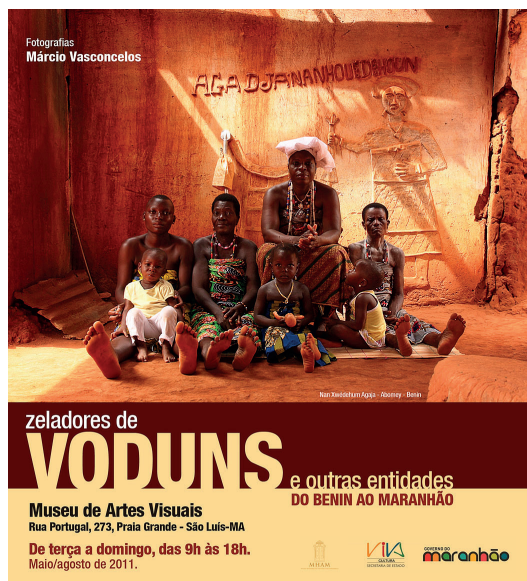


Figura 2: cartaz da exposição

Fonte: Márcio Vasconcelos

9 Vasconcelos, Márcio. **Nagon Abioton**: um estudo fotográfico e histórico sobre a Casa de Nagô / Márcio Vasconcelos (organizador); Mundicarmo Ferretti; Paulo Melo Sousa; fotografia de Márcio Vasconcelos. – São Luís, 2009, p. 11

10 Nota de rodapé do livro de Márcio Vasconcelos. Enquanto a Casa das Minas registra no timbre de documentos oficiais o ano de 1847 como de sua fundação, a data de fundação da Casa de Nagô desapareceu da lembrança de suas filhas (BARRETO, 1977, p. 113). A indicação dessa data, quando localizada em algumas fontes bibliográficas (OLIVEIRA, 1989, p. 32) se apóia em interpretação de Bastide (BASTIDE, 1971, v. 1, p.70) de hipótese levantada por Verger, bastante aceita atualmente, de que a Casa das Minas teria sido fundada pela esposa do rei Agongló (Na Agotimé) vendida como escrava, após a morte daquele soberano, ocorrida em 1797 (VERGER, 1990; FERRETTI, S. 1996, p. 22).



## “A SAGA DE UMA RAINHA NEGRA

*A saga de Nã Agotimé é pura magia. Representa a força dos elementos naturais transformando a vida que se transforma em culto.*

*Desde tempos imemoriais se cultuava os voduns da família real do Daomé, hoje Benim. Um Clã mágico e místico iluminava o continente negro, numa época de uma África conturbada por guerras tribais em busca do poder. Muitos reis passaram e o Daomé, que era apenas uma cidade, tornou-se um país.*

*No palácio Dãxome, reinava Agongolo. O rei tinha como segunda esposa a rainha Agotimé e dois filhos (Adandozan, do primeiro casamento, e Gezo, nascido de Agotimé). No momento de sua morte, o rei elegeu seu segundo filho para sucedê-lo no trono, mas a sua ordem foi desconsiderada e Adandozan assumiu o trono como tutor de Gezo. Abomey tornou-se vítima de um governo tirânico e cruel.*

*Mágica e Magia. A rainha era conhecida em seu reino pelas histórias que contava sobre seus ancestrais e sobre o culto aos reis mortos. Guardava os segredos do culto a Xelegbatá, a peste. Detentora de tais conhecimentos, o novo rei tratou de mantê-la isolada, acusando-a de feitiçaria, e não hesitou em vendê-la como escrava.*

*Em Uidá, grande porto de venda de escravos, Agotimé foi jogada nos porões imundos de um navio e trazida para o Brasil. O sofrimento físico da rainha, traída e humilhada, era uma realidade menor, pois o seu espírito continuava liberto e sobre as ondas a rainha liderou um grande cortejo, atravessando o mar.*

*Desse episódio se forjou um dos elos que une a África ao Brasil. Chegou ao novo continente um corpo escravo, mas um espírito livre, pronto para cumprir a sua saga e fazer ouvir daqui o som dos tambores Jejes.*

*Seu primeiro destino foi Itaparica, na Bahia, porto do seu destino e terra santa do conhecimento. Vinda de uma região onde poucos escravos se destinavam ao Brasil, Agotimé se deparou com muitos irmãos de cor, mas não de credo.*

*No seu encontro com os Nagôs teve o seu primeiro contato com os Orixás, e através deles a Rainha escrava teve notícias de seu povo. Por eles soube que sua gente era chamada Negros-Minas e foram levados para São Luís do Maranhão. Contaram que não tinham local para celebrar o seu culto, pois esperavam um sinal de seus ancestrais. Agotimé logo entendeu por quem esperavam.*

*Dessa forma a rainha chegou ao Maranhão. Terra da encantaria e de forte representação popular. Os tambores afinados a fogo e tocados com alma por ogãs, inspirados por velhos espíritos africanos, ecoam por ocasião das festas e pela religião. Foi no Maranhão que Agotimé, trazida para o Brasil como escrava, voltou a ser Rainha. Sob orientação de seu vodum, fundou a “Casa das Minas”, de São Luís do Maranhão, em meados do século XIX.*

*Para contar essa história, trilhando caminho inverso ao de Nã Agotimé, e com uma exposição fotográfica sob a forma de portraits, o fotógrafo maranhense Márcio Vasconcelos viajou ao Benim acompanhado do antropólogo africano Hippolyte Brice Sogbossi.*

*A proposta do Projeto era realizar uma pesquisa e documentação fotográfica da atual situação de terreiros e seus respectivos chefes no Benim e no Maranhão. Para tanto, foram entrevistados e fotografados personagens de reconhecida importância no cenário do culto aos voduns, com a fina-*



*lidade de traçar um paralelo entre os Sacerdotes africanos e os Chefes de Terreiros do Tambor de Mina do Maranhão.*

*No Benin, num período de 25 dias, foram visitadas as cidades de Cotonou, Abomey, Allada, Ouidah, Calavi e Porto Novo. O Projeto “Zeladores de Voduns e outras Entidades do Benin ao Maranhão” foi aprovado no Edital de Apoio à Produção Cultural/2008 da Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão e conquistou o I Prêmio Nacional de Expressões Culturais Afro-brasileiras promovido pelo Centro de Apoio ao Desenvolvimento Oswaldo dos Santos Neves - CADON e pela Fundação Cultural Palmares e contou com o patrocínio da Petrobras”.*

O texto acima, entre aspas e em itálico, foi retirado do site do fotógrafo Márcio Vasconcelos, da aba do Projeto Zeladores de voduns. Conta a história, ou, o mito de origem, um deles, sobre a fundação da Casa das Minas e por quem.

No seminário CORPO-IMAGEM DOS TERREIROS<sup>11</sup> – experiência ritual produção de presença, faz uma menção ao trabalho de Márcio Vasconcelos, por Denise Camargo. O evento ocorreu em novembro de 2010.

Em *Zeladores de Voduns e outras entidades do Benin ao Maranhão*, Márcio Vasconcelos retrata chefes de terreiros em registros que oferecem a riqueza do universo simbólico e material da nação conhecida como jeje e mina. Faz o sempre necessário retorno à África para compreender a cultura brasileira, assunto que Mohammed ElHajji, professor da UFRJ, incorpora em sua fala que discute a diáspora negra.

#### 5.4 Na Trilha Do Cangaço – Um Ensaio Pelo Sertão Que Lampião Pisou<sup>12</sup>.



Figura 3: cartaz do ensaio fotográfico

Fonte: Márcio Vasconcelos

Depois de muitos projetos realizados no espaço maranhense, Márcio Vasconcelos quis alçar voos mais altos, em suas palavras, “daí eu pensei que era hora de dar um passo maior e sair do Maranhão”. Em seu relato confessa que não pretende deixar de estudar o Maranhão, apenas quis fazer um outro trabalho e foi gratificante concretizar o projeto que almejava “refazer a trilha de Lampião”.

11 <http://www2.oju.net.br/corpoimagem/2010/11/11/diasporas/>. Acesso em: 08 dez. 2011

12 Disponível em: <<http://www.natrilhado Cangaco.com.br/ensaio.php>>. Acesso em: 04 dez. 2011

Quando diz que não vai deixar de fazer as coisas do Maranhão, enfatiza o quanto essa terra é rica em manifestações culturais em todos os aspectos e que, segundo ele, o Maranhão é muito pouco explorado em pesquisa de seus objetos, manifestações, artefatos.

Acho que o Maranhão é um celeiro que não tem fim - de pesquisa e de produção cultural, a gente ainda tem muita coisa pra ser explorada, no Maranhão eu acho que daqui a 100 ou 200 anos a gente vai sempre tá mostrando coisa nova, coisa que ninguém conhece né, o Maranhão é um segredo, até os grandes pesquisadores sempre se deparam com coisas aí que dizem nunca terem visto e tá lá ainda na sua forma mais elementar, na sua essência ainda.

Márcio confessa que sempre teve um apreço muito grande pelo sertão nordestino. Então, surge essa oportunidade de mostrar um trabalho que pudesse trazer um evento e/ou fato que tivesse ocorrido no Nordeste, e a história de Lampião parecia ser ideal. “Já me fascinava muito a história do sertão nordestino e eu gostaria de fazer um trabalho no sertão, então eu aliei ao aspecto físico do sertão que é a beleza, que apesar de ser uma coisa aparentemente morta”.

A fala do Márcio me trouxe uma lembrança dos filmes que assisti sobre o sertão nordestino, inclusive filmes sobre o Lampião, onde é muito evidente as características da vegetação - a caatinga e, no meio da conversa, introduzi esse termo - a caatinga - e ele comenta sobre a característica vegetal da caatinga que é o bioma, o único bioma exclusivamente brasileiro e eu trago mais um bioma - o cerrado - mas, direcionemo-nos para Lampião. Márcio Vasconcelos vai aliar o aspecto aparentemente morto da caatinga e o fenômeno Lampião para o olhar de seu *objetiva*, que a partir daqui já tem um aspecto subjetivo.

Então eu aliei esse aspecto é vamos dizer do visual, aspecto ambiental do sertão com o tema que é da maior importância dentro do imaginário popular brasileiro que é o mito do Lampião, a história dos cangaceiros que desenvolveram nessa época no Brasil que ficou marcado pra sempre né, e o Lampião foi considerado o segundo personagem mais biografado da América Latina, ficando atrás apenas de Che Guevara.

Quando da elaboração do projeto, Márcio fala que fez uma viagem imaginativa pelo *sertão que Lampião pisou*, idealizou isso e deu certo - submeteu o projeto ao edital da Funarte - XI Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, sendo vencedor do concurso.

Imaginar lugares onde ele teria passado e lugares que foram simbólicos dentro dessa novela vamos dizer assim e épica que foi o cangaço, então dentro do... tomando como ponto inicial o lugar onde Lampião nasceu que foi em Serra Talhada, no sítio Passagem das Pedras, em Pernambuco até o lugar onde ele morreu, na beira do rio São Francisco entre Sergipe e Alagoas.

O projeto já previa o caminho a ser feito - local de nascimento de Lampião e local de morte, respectivamente, Serra Talhada e às margens do Rio São Francisco na divisa do Sergipe com Alagoas. “E dentro de todo esse trajeto tentar passar por todos esses lugares que foram simbólicos”, o que Márcio Vasconcelos considera aqui como simbólicos são os

- lugares onde há registro de confrontos entre lampião e a polícia, lugares onde personagens foram importantes, descobrindo locais onde, por exemplo, a casa da... onde Lampião morou, a avó de Lampião morou e ele se criou, casa de Maria Bonita, o lugar do primeiro confronto de Lampião com Zé Saturnino que foi seu primeiro inimigo, eles ainda garoto, e tiveram a sua primeira desavença e a partir daí começou a haver essa rixa que levou a Lampião entrar no cangaço, então foram todos esses fatos e locais importantes dentro dessa trajetória é da história de Lampião.

Márcio percorreu durante vinte dias aproximadamente quatro mil quilômetros em sete estados do Nordeste, excetuando-se o Maranhão e o Piauí, onde não há registros de passagem de Lampião que,

segundo o fotógrafo, pode até ter passado, talvez de forma rápida, mas sem deixar vestígios. Diz que nos outros estados, diferentemente destes dois, foi marcante a presença de Lampião. Não só dele e seu bando, mas de muitos outros grupos de cangaceiros, deixando uma marca muito forte, na fala de Márcio Vasconcelos. A literatura oral e escrita está repleta desses eventos de cangaceiros.

É, ... então esse projeto foi submetido ao prêmio XI prêmio Funarte Marc Ferrez de fotografia, é um prêmio tradicional de fotografia, que tá na sua décima terceira edição este ano, é um prêmio que é muito almejado pelos fotógrafos, pois ele dá uma projeção muito grande, eu consegui a aprovação desse prêmio e também no Ministério da Cultura e também da mesma forma, depois que aprova eles adiantam a verba pra você produzir esse material e te dão um tempo também de conclusão. Com isso fizemos o Lampião e o resultado final da minha proposta, não era a exposição, era a produção de um site pra disponibilizar isso pra sociedade pra sempre, era essa a proposta do edital, era que você disponibilizasse pra sempre de alguma forma eletrônica, digital, na mídia, pra sempre.

O trecho abaixo (*A Fotografia no Cangaço*) foi extraído do site criado para manter viva essa *novela épica*, como disse Márcio Vasconcelos. Fazer um ensaio fotográfico de uma personalidade que em épocas em que fotografia podia-se dizer que era um luxo de poucos, é algo curioso. Será que, direta ou indiretamente, não foi isso que levou o fotógrafo Márcio Vasconcelos a querer realizar tal façanha? Ele diz que foi o conjunto da obra de Lampião que o levou a fazer tal trabalho. A atmosfera do sertão, o mito Lampião e as facetas desse mito - o “Senhor do Sertão”.

### A Fotografia no Cangaço

*Fato surpreendente para essa época, e em sua região onde a oralidade sempre predominou sobre o visual, os cangaceiros, assim como seus perseguidores, deixaram uma grande quantidade de documentos fotográficos, testemunhos indiscutíveis de um dos episódios mais violentos da história brasileira. Enquanto os predecessores ilustres de Lampião quase não deixaram registros, Lampião, durante todo o período em que dirigiu o cangaço e reinou sobre o sertão, fez questão de registrar, por meio de imagens fotográficas, alguns momentos fortes de sua vida. Sob as roupas de Lampião, quando ele morreu, foi encontrada uma grande quantidade de fotografias. Algumas representavam pessoas mais próximas, outras representavam cangaceiros de seu grupo, mortos em combates precedentes; e, fato surpreendente, uma delas representava João Bezerra, seu assassino, como se Lampião tivesse carregado consigo o resumo de sua vida, desde sua juventude antes de entrar no cangaço, até sua morte anunciada, como se tivesse feito de seu corpo o suporte e o território de sua memória.*

Então, a proposta do projeto, Na Trilha do Cangaço - *um ensaio pelo sertão que Lampião pisou*, era a produção de um site que ficasse para sempre disponibilizado para a sociedade.

### Considerações finais

Este trabalho traz à luz da contemporaneidade, algumas reflexões sobre o que está sendo feito em termos de produção artística no Maranhão, com foco na fotografia de cunho da cultura popular. Traz questionamentos sobre quem está fazendo, onde está fazendo e porque o faz, como é destacado na fala de Márcio Vasconcelos.

Obviamente, ninguém nos dias de hoje, faz qualquer que seja a ação, sem que espere um retorno, mas o faz por alguma afinidade, seja pessoal, social, cultural e, econômica.

Aqui está sendo analisado o trabalho fotográfico de Márcio Vasconcelos, fotógrafo radicado na cidade de São Luís do Maranhão e que tem se dedicado ao registro da cidade em seus múltiplos aspectos, como os casarões, a culinária, o artesanato, a religião afro-brasileira. Esta análise refere-se a três trabalhos do fotógrafo Márcio Vasconcelos, que são: “NAGON ABIOTON – um estudo fotográfico e histórico sobre a Casa de Nagô”, “Zeladores de voduns e outras entidades do BENIN ao MARANHÃO” e “Na trilha do Cangaço – um ensaio pelo sertão que Lampião pisou”. Respectivamente, o primeiro é fruto de um projeto de livro (concretizado), submetido ao edital da Petrobrás Cultural; o segundo, uma exposição fotográfica, o que rendeu a ida do fotógrafo ao Benin e, o terceiro, realizou-se uma exposição fotográfica, mas a proposta seria criar um site com a produção do trabalho e disponibilizar para sempre à sociedade, o que foi feito e pode ser conferido (site vide referência).

O foco e/ou intenção deste trabalho é demonstrar que através da atuação do fotógrafo Márcio Vasconcelos nas vertentes de minorias sociais, este trabalho tem uma função social. O fotógrafo diz trabalhar muito temas onde ele é o autor, ou seja, escreve a proposta e havendo edital que a encaixe, submete-a.

O trabalho de Márcio Vasconcelos aqui referendado (três trabalhos fotográficos) não foi devidamente explorado na monografia e as consequentes retomadas da pesquisa. Pretende-se ainda aprofundar as temáticas sociológicas, antropológicas e estéticas no trabalho, o qual deixou muitos elementos inexplorados. Não foram feitas análises visuais das imagens até este momento e não será possível neste artigo devido ao formato e espaço. O projeto que referiu a trajetória de Lampião foi editado em formato de livro por Márcio Vasconcelos<sup>13</sup>. Também foi objeto de artigo e dissertação de Maria Thereza Gomes de Figueiredo SOARES<sup>14,15</sup>.

Portanto, a monografia no estado original ainda tem muito a ser explorado, tanto em visualidades como nos vieses socio-antropológicos e estéticos e, histórico como os movimentos que deixaram marcas na trilha da história da fotografia no Maranhão como o Movimento Gororoba, o Movimento Fotoclube, biografias de personalidades como Murilo Santos, Edgar Rocha e tantos outros.

---

13 VASCONCELOS, Márcio. Na trilha do Cangaço: o sertão que Lampião pisou. São Paulo: Vento Leste, 2016.

14 A Fotografia Maranhense Contemporânea - Estudo de Caso da Série Na Trilha do Cangaço: O Sertão que Lampião pisou, de Márcio Vasconcelos. Disponível em:< <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1390-1.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2018.

15 Fotografia Maranhense: estudo de caso da série Na trilha do cangaço: o sertão que Lampião pisou, de Márcio Vasconcelos, 2018. Disponível em:< <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/tede/2095>>. Acesso em: 06 out. 2018.

---

## **Photography: the singularity in the photographic gaze of the social imagery of Márcio Vasconcelos**

### **ABSTRACT**

This article is a condensed version of a monograph presented in 2011 at the Federal University of Maranhão, in the Artistic Education course, focusing on the performance of the photographer Márcio Vasconcelos, who looks at the social, popular culture and Afro-Maranhense religion. Márcio Vasconcelos is called "self-taught and independent", because he is not at the service of others, therefore, turned to independent production, "author", where he elaborates and executes his projects, submitting them to the edicts of culture, among which, Petrobras Cultural and Minc. He has received several national and international awards, such as the 1st National Award for Afro-Brazilian Cultural Expressions / 2010 of the Palmares / Petrobrás Cultural Foundation with project "Keepers of Voduns from Benin to Maranhão"; "Nagon Abioton - A Photographic and Historical Study on the House of Nagô", Law Rouanet and in the Program Petrobrás Cultural / 2009, edited in book about one of the oldest terreiros of the Mine Drum in Maranhão; Photographic essay "On the Cangaço trail - an essay in the backlands that Lampião stepped on", a project contemplated in 2010 with the XI Funarte Marc Ferrez Photography Prize, available at <http://www.natrilhadocangaco.com.br/ensaio.php>, ( currently, it is published in a book). The research intends to contribute to the scientific production in the academic space of photography in Maranhão, without pretension to exhaust the theme, but to foment and instigate new researches, considering the chosen approach. It is theoretically supported by Freund (1995), Kubrusly (2006) and others. The general ideas of the general scope of the monograph will be presented as the appearance of the photograph and the short time in which it arrived in Maranhão. Invention announced publicly by the Academy of Sciences of Paris in 1839, the photograph had arrived in Maranhão in 1846, according to the Album of Maranhão in 1908, Gaudêncio Cunha (1987); The Maranhense art is rich in diversity, it is intrinsically linked to popular culture - white, black, Indian - all are present in the art produced in Maranhão, whether in the visual arts, theater, music, dance; in cultural manifestations: Bumba-meu-boi, rites, myths, reggae, Terecô, Divino Espírito Santo.

**Keywords:** Photography, History of Maranhão photography, Laws of incentive to culture, cultural practice.



## REFERÊNCIAS

**BNDES** (Banco Nacional de Desenvolvimento). Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes\\_pt/Institucional/Sala\\_de\\_Imprensa/Noticias/2010/cultura/20100629\\_EditalCinema2010.html](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Sala_de_Imprensa/Noticias/2010/cultura/20100629_EditalCinema2010.html)>. Acesso em: 04 dez. 2011.

**BNB** (Banco do Nordeste) Disponível em: <[http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/eventos/programabnb\\_decultura/gerados/apresentacao.asp](http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/eventos/programabnb_decultura/gerados/apresentacao.asp)>. Acesso em: 04 dez.2011.

CUNHA, Gaudêncio. **Álbum do Maranhão 1908**. Spala Editora Ltda. Rio de Janeiro – RJ, 1987.

GISÈLE, Freund. **Fotografia e sociedade**. Coleção comunicação e linguagens. Tradução de Pedro Miguel Frade, 2ª ed. 1995.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é fotografia**: /Cláudio Araújo Kubrusly. – São Paulo: Brasiliense, 2006. – (Coleção Primeiros Passos; 82).

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem** / José de Souza Martins. – 1. ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2009.

MÁRCIO VASCONCELOS: NA TRILHA DO CANGAÇO – UM ENSAIO PELO SERTÃO QUE LAMPIÃO PISOU. Disponível em: <<http://www.natrilhadocangaco.com.br/projeto.php>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

MÁRCIO VASCONCELOS: **Fotografia** (Na trilha do Cangaço). Disponível em: <<http://www.marciovasconcelos.com.br/galerias/trilha.php>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

MÁRCIO VASCONCELOS: **Fotografia/Portfólio**. Disponível em: <<http://www.marciovasconcelos.com.br/portifolio.php>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de. **Arte e fotografia**: o movimento pictorialista no Brasil / Maria Teresa Villela Bandeira de Mello. – Rio de Janeiro: Funarte, 1998. 216 p.: fot. – (Coleção luz e reflexão; 7).

VASCONCELOS, Márcio. **Nagon Abioton**: um estudo fotográfico e histórico sobre a Casa de Nagô / Márcio Vasconcelos (organizador); Mundicarmo Ferretti; Paulo Melo Sousa; fotografia de Márcio Vasconcelos. – São Luís, 2009.

## MINIBIOGRAFIA

### **Walter Rodrigues Marques**

Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica (mestrando); Especialização em Psicologia Hospitalar e da Saúde; Especialização em Neuropsicopedagogia e Educação Especial; Ciências Sociais (graduando); graduado em Educação Artística, em Psicologia. Professor de Arte da rede estadual do Maranhão. Membro da ANPED; da FAEB; ABPN; da AMAE; do Grupo de Estudo e Pesquisa “Arte, Cultura e Educação” (GEPACE-UFMA). walterkeyko@gmail.com; marqueswalter@outlook.com

### **José Murilo Moraes dos Santos**

Professor Auxiliar - Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Mestre em Educação e graduação em Educação Artística pela UFMA. Especialista em Artes pela Faculdade Internacional Signorelli-RJ. Durante a década de 1970 Participou ativamente de movimentos políticos e artísticos em São Luís (teatro, cinema, fotografia, artes plásticas). Foi um dos fundadores do Laboratório de Expressões Artísticas? LABORARTE. Coordenou o Departamento de Fotografia e Cinema da entidade. murilosantos16@yahoo.com.br

### **Luís Félix de Barros Vieira Rocha**

Mestre em Educação pelo Programa de pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica. Graduação em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas (UFMA). Especialista em Gênero e Diversidade na Escola, Política de Igualdade Racial pela UFMA. Graduando em Comunicação Social - Jornalismo (UFMA). Especializando em Educação Especial Inclusiva (UEMA). Membro da ANPED; da FAEB e Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Professor de arte da escola Municipal Júlia Fonseca Barbosa, SEMED/Matões do Norte - Maranhão. felix\_rocha\_luis@yahoo.com.br

### **João Fortunato Soares de Quadros Júnior**

Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor do Programa de Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica da UFMA. Possui Pós-Doutorado pela Universidad de Granada (Espanha). Doutorado Internacional em Educación Musical pela Universidad de Granada (España) (2013), Mestrado em Educação Musical pela Universidad de Granada (2013), Mestrado em Música pela Universidade Federal da Bahia (2007) e Graduação em Artes (ênfase em Música) pela Universidade Estadual de Montes Claros (2006). joaofjr@gmail.com.